



O dito e a escrita do dizer: Análise da Entrevista em *Veja*¹

Kaline VIEIRA²

Universidade Federal da Paraíba, PB

RESUMO

O presente artigo investiga a entrevista jornalística da revista *Veja*, a partir da análise de três entrevistas das suas páginas amarelas. Utilizamos o método de análise do discurso a fim de buscar conexões entre o texto da revista e outros textos publicados na mídia. Esta pesquisa tem por base a teoria da entrevista jornalística, escrita por Cremilda Medina (1990), a análise do discurso do jornal, elaborada por José Rebelo (2000) e o método de análise de discurso de Fairclough, utilizada por João Bosco B. Bonfim (2002).

Palavras-chave: entrevista, revista *Veja*, discurso.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa investigar a aplicabilidade da teoria de análise do gênero entrevista e mostrar até que ponto esta modalidade privilegia o diálogo. Para Cremilda Medina (1990), a entrevista jornalística tem por base o diálogo, com as finalidades de informar, construir conceitos e compreender a personalidade do entrevistado. O gênero em questão pode ser dividido em entrevista conceitual, enquete e entrevista perfil. A partir da leitura de Medina, pretendemos investigar três aspectos que constituem o gênero entrevista e o fazer jornalístico:

1) Examinar se a teoria acerca do gênero entrevista jornalística se aplica à prática. Ou seja, há possibilidade de descrever a entrevista apenas sob o ponto de vista da técnica?

2) As subdivisões do gênero contemplariam todas as possibilidades de atuação do fazer jornalístico ou têm apenas caráter metodológico?

3) A partir da teoria da entrevista conceitual, optamos por analisar as suas características técnico-discursivas e o tratamento dado à fala das personagens que representam autoridade, seja ela científica, política ou cultural.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Gêneros Jornalísticos do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo – Grupecj. E-mail: kalinemaria@yahoo.com.br



Buscamos demonstrar as transformações ocorridas na construção da entrevista das páginas amarelas da revista *Veja*, desde à assepsia da fala dos entrevistados institucionalizando os discursos próximos ao Estado; à espetacularização das idéias de entrevistados que são personagens midiáticas.

Pretendemos ainda evidenciar que as entrevistas de *Veja* se enquadram apenas no subgênero conceitual proposto por Medina. Contudo, devido às hibridizações encontradas (as entrevistas da *Veja* possuem, em uma mesma edição, características comuns aos subgêneros conceitual, perfil do pitoresco e da ironia intelectualizada), propomos um método de análise capaz de compreender a entrevista das páginas amarelas em sua totalidade.

Para a análise da entrevista conceitual, escolhemos como corpus três entrevistas de páginas amarelas da revista *Veja* (Editora Abril), uma vez que o veículo, em sua maioria, apresenta entrevistas que contemplam as descrições de Medina acerca do subgênero em questão.

A entrevista no jornalismo impresso

A entrevista pode ser caracterizada pela técnica de obtenção da informação por meio de perguntas e respostas. A sua base, portanto, é o diálogo, e a sua finalidade, a comunicação. Esta técnica é largamente utilizada como ferramenta na construção das matérias jornalísticas (através do recorte de depoimento das fontes), visando maior respaldo e credibilidade da informação ali contida.

Quando utilizada no corpo do texto jornalístico, a entrevista muitas vezes atua de maneira a opacificar a linguagem, proteger o sujeito emissor da informação, responsabilizando apenas as fontes pelo que ali é publicado.

A entrevista torna-se um gênero jornalístico a partir do momento em que transcende a qualidade de constituinte do texto noticioso e ganha vulto, adquirindo novas nuances que ultrapassam as finalidades utilitárias. Enquanto gênero, a entrevista possui características e elementos exclusivos, que convém serem desdobrados a seguir:

1) No que concerne à sua formatação, a entrevista pode ser distribuída no espaço do jornal por meio de discurso direto ou indireto. O discurso indireto apresenta as falas do entrevistado dispostas em meio à narrativa, de forma mais ou menos conectada.

O repórter assume uma posição distinta, geralmente em terceira pessoa (narrador indireto), de modo a interligar fala, dados, ambientes, forma e recursos estilísticos.



Além disso, há também espaço para traçar um perfil do entrevistado, percorrendo aspectos de sua personalidade e/ou evidenciando suas idiossincrasias. O fluxo da escrita pode seguir de forma mais livre, obedecendo ao processo mental do personagem, de modo a oferecer mais dinâmica ao leitor e se assemelhar ao processo da fala corrida.

O discurso direto apresenta a entrevista dividida entre a pergunta do repórter e a resposta do entrevistado (fórmula pergunta-e-resposta.). Essa modalidade não requer a presença do narrador indireto, bastando apenas situar o entrevistado, geralmente o apresentando em parágrafo de abertura³. A escolha de um desses discursos apresentados perpassa pelo estilo almejado pelo jornalista.

2) De acordo com Cremilda Medina, em seu livro *Entrevista: O diálogo possível*, a entrevista se fraciona em subgêneros, e cada um deles requer o uso de um estilo diferenciado. Para melhor compreensão e ainda com base em Medina, achamos por bem desenvolver alguns dos conceitos a seguir:

a) Enquete: este subgênero se baseia em relatos, idéias, pontos de vista, e tem por finalidade a pesquisa de opinião. Nesta modalidade, o tema é o principal elemento. Para dar consistência à temática, é necessária a criação de questionários e a aplicação destes a vários atores sociais, de modo a fomentar a pluralidade das vozes. Para evitar que esta fique cansativa para o leitor, o jornalista deve narrá-la em terceira pessoa, dividindo-a em intertítulos de acordo com as opiniões e posições tomadas.

b) Entrevista Perfil: divide-se em quatro subgêneros: perfil do pitoresco, perfil do inusitado, perfil da ironia intelectualizada e perfil humanizado. Cada um dos subgêneros da entrevista perfil tem por objetivo o destaque de traços da personalidade do entrevistado, sejam eles para espetacularizar, glamourizar ou compreender a humanidade da personagem. Este subgênero possibilita várias opções de estilo, de acordo com o efeito que o jornalista intente produzir. Em sua maioria, a entrevista perfil acaba por estereotipar o entrevistado, pois elege apenas uma característica da sua personalidade e a explora à exaustão, tanto com a finalidade de promover estilos de vida, idéias, emoções, como para expor e caricaturar.

c) Entrevista Conceitual: de acordo com Medina, na entrevista conceitual:

O entrevistador busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece, a fonte a ser entrevistada detém. O repórter no sentido mais amplo de

³ Para Medina (1990), essa modalidade segue a fórmula do lead para apresentar o entrevistado, o que, em nossa opinião, não condiz com a natureza do gênero em questão, uma vez que o lead é utilizado apenas em textos noticiosos, de cunho informativo, e não opinativo.



sua função de intermediador na sociedade não é um especialista. É especializado sim, na técnica de reportagem, na qual a entrevista ocupa espaço privilegiado. Vai procurar vários especialistas de várias correntes de informação e interpretação. No caso, está acima de tudo interessado em *conceitos*, não em comportamentos. Isto, se entrevista um filósofo, um sociólogo, um cientista, um economista (MEDINA, 1990, p. 16).

Podemos perceber, com base na afirmação de Medina, que o jornalismo de revista reproduz exatamente a idéia ideologicamente construída das “vozes institucionalizadas”. Ao entrevistar “filósofo, sociólogo, cientista, economista”, com o intuito de construir conceitos e dar voz a “especialistas”, a empresa jornalística exclui grande parcela da população. Quem teria o perfil para conceder uma entrevista conceitual? E quantos teriam perfil para lê-la?

Conforme Rebelo (2000), um dos mecanismos de autenticação do discurso jornalístico que atua na construção do texto jornalístico é a *delegação de saber*. Este mecanismo opera da seguinte maneira: ao invés de assegurar ao leitor que a informação que profere é verdadeira, o jornalista usa como referência uma fonte cujo status seja incontestável.

Ao falar sobre a escolha do estilo na entrevista conceitual, Medina (1990, p. 56) afirma que “de tal peso são os conceitos emitidos pela fonte de informação que se dispensa um narrador indireto que vai situando ambiente ou dados circunstanciais à entrevista.” Ou seja, o discurso emitido pela fonte já é, *a priori* e arbitrariamente, irrefutável e digno de total confiança.

Se a entrevista, de acordo com inúmeros manuais de redação, é a técnica que promove a pluralidade, que estabelece conexões entre o entrevistado e o público (mediados pelo entrevistador), por que, então, podemos divisar claramente onde termina o diálogo e onde começa o inexorável solilóquio da voz institucionalizada?

As páginas amarelas de *Veja*

A grande maioria das entrevistas publicadas pela revista *Veja* (Editora Abril) se enquadra no subgênero entrevista conceitual, por possuir as características desta modalidade: construção de conceitos, interesse em argumentos de autoridade, discurso indireto, etc.

As páginas amarelas, como o espaço destinado às entrevistas da revista *Veja* é chamado, encontram-se geralmente nas primeiras páginas ímpares da revista, que são as



de maior visibilidade. Além disso, elas são sempre impressas na cor que as nomeia, oferecendo ainda maior destaque em meio às outras editorias.

Aplicando a teoria de Rebelo (2000) acerca da *delegação de saber*, podemos encontrar alguns indícios que corroboram o que foi exposto pelo autor e por Cremilda Medina sobre o subgênero em questão. Se o entrevistador serve apenas de mediador entre a fonte (quem produz os conceitos) e o público (quem apenas consome a informação), isso pode ser demonstrado através da isenção e da quase completa ausência deste no decorrer da entrevista.

O nome do jornalista entrevistador só aparece uma vez, sempre abaixo das informações principais e em fonte discreta, quase que imperceptivelmente. Além do mais, as entrevistas são transcritas na forma pergunta-resposta e, portanto, narradas em discurso direto.

Antes da reformulação do *layout* das suas páginas, a revista apresentava as entrevistas dividindo os diálogos entre a pergunta do entrevistador, que assumia o nome da revista (**Veja** —) e a resposta, sempre depois de travessão. Com o recente projeto gráfico, as perguntas estão destacadas em negrito, sem mais apresentar o nome da revista ou do entrevistador, e logo seguidas pela resposta, em fonte normal (sem o negrito), dando a idéia de conversa corrida.

A fórmula do *lead* (termo utilizado por Cremilda Medina) para a apresentação do entrevistado continua a mesma, e é utilizada tanto para apresentar a personalidade a ser entrevistada como para reforçar o discurso de autoridade. A seguir, apresentamos trechos da entrevista com o sociólogo Demétrio Magnoli⁴. A entrevista, intitulada “Uma vitória da razão”, traz os seguintes subtítulo e texto de abertura.

Para o sociólogo, as últimas eleições mostraram que os brasileiros não se deixam mais levar pela conversa de que toda esquerda é boa e toda direita é má.

O paulistano Demétrio Magnoli, de 49 anos, faz parte de uma categoria de intelectuais – rara no Brasil – que se notabiliza tanto pelo conhecimento acadêmico, como pela habilidade para escrever sobre temas complexos de maneira clara e objetiva. Sociólogo e doutor em geografia humana, Magnoli integra o Grupo de Análises da Conjuntura Internacional, da Universidade de São Paulo, e é autor de mais de uma dezena de livros didáticos. Em sua coluna nos jornais *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, ele expõe análises aprofundadas de política mundial e críticas incisivas às manifestações de pensamento único na sociedade e no governo brasileiros. Magnoli concedeu,

⁴ UMA vitória da razão. *Veja*, n. 2085, 05/11/2008, p. 17. São Paulo: Abril.



descalço, a seguinte entrevista a VEJA, em seu apartamento, em São Paulo (VEJA, 5 de Novembro de 2008, grifo nosso).

Tendo por objetivo a elevação da personalidade do entrevistado à condição de autoridade, e, portanto, de fala incontestável, *Veja* inicia o parágrafo afirmando que Demétrio Magnoli pertence a uma categoria de intelectuais. Não apenas ele é intelectual, como pertence a uma rara casta de intelectuais, a que é reconhecida tanto pelo conhecimento acadêmico (institucionalizado, portanto) como pela habilidade em escrever temas “complexos de maneira clara e objetiva”, evidenciando a supervalorização da objetividade.

Em seguida, *Veja* põe em evidência a titulação acadêmica de Magnoli, além de sua produção intelectual: “é autor de mais de uma dezena de livros didáticos”. Escrevendo em duas colunas de jornais reconhecidos pelo público (O Estado de São Paulo e O Globo), ele ainda “expõe análises aprofundadas de política mundial e críticas incisivas às manifestações de pensamento único na sociedade e no governo brasileiros.” Portanto, o discurso da revista, ao expor o currículo do entrevistado (sociólogo, doutor em geografia humana, integrante do Grupo de Análises da Conjuntura Internacional da USP, colunista em dois jornais e autor de mais de uma dezena de livros) o insere em uma posição irretocável: a de especialista no assunto em pauta, nesse caso, as últimas eleições e a mudança no pensamento dos brasileiros.

A revista estabelece parâmetros de atuação do estado, perfazendo a idéia de uma retórica argumentativa no jornalismo. Primeiramente, reconhecemos a entrevista de *Veja* como legitimação do discurso dos especialistas. Podemos também observar o estabelecimento de um nível metalingüístico, uma vez que *Veja* faz uso do gênero entrevista para abordar temas que recebem destaque de outros veículos midiáticos durante a semana. Há também que se apontar que as páginas amarelas não contemplam apenas o subgênero entrevista conceitual, embora o conceitual seja majoritário.

A Entrevista de *Veja* como legitimação do discurso dos especialistas

Uma característica da legitimação do discurso de especialistas é a utilização do discurso de autoridade, muitas vezes atuando de modo a aportar posições político-ideológicas do veículo. No caso da *Veja*, podemos, em um primeiro exemplo, verificar a ocorrência desta prática discursiva em uma seqüência de entrevistas de cunho político-



religioso, tornando a questão da pesquisa com células-tronco embrionárias em voga por duas semanas consecutivas, com Mayana Zatz, pesquisadora⁵, e Ellen Gracie Northfleet, então presidente do STF. Analisamos a entrevista “É preciso salvar vidas⁶”, primeira da sequência da temática.

O texto utilizado para apresentar a pesquisadora Mayana Zatz, *Veja* usa como suporte a trajetória da entrevistada, citando o número de trabalhos científicos publicados na área e os cargos de pró-reitora de pesquisa e coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo. No título da entrevista encontra-se a frase, sem o uso das aspas, “é preciso salvar vidas”, o que gera ambigüidade no sentido de atribuição de fala. Afinal, a frase foi proferida pela entrevistada e apropriada pela revista, ou se trata apenas de uma posição de *Veja*?

Adiante, no subtítulo “a pesquisadora explica por que é urgente que o STF libere as pesquisas com células-tronco embrionárias”, notamos o estabelecimento de uma idéia construída *a priori*: a urgência em se pesquisar as células-tronco embrionárias. Aqui, fica patente o posicionamento do veículo a respeito da temática, e a entrevista que se segue assume papel legitimador deste posicionamento. À apresentação de Mayana Zatz segue uma sùmula dos fatos relacionados à temática, de maneira a situar o leitor e torná-lo apto para a leitura dos conceitos.

Em adição aos conceitos científicos elaborados, a entrevista aborda também questões de ordem político-religiosa, uma vez que o centro da temática é o obstáculo causado principalmente pela Igreja Católica ao desenvolvimento das pesquisas com os embriões:

Veja – *Quais são os principais oponentes da pesquisa com células-tronco embrionárias no Brasil?*

Mayana – A oposição vem basicamente da Igreja Católica. Entre as igrejas evangélicas existe uma divisão, mas muitas são a favor. É fundamental que as pessoas entendam que não existe uma briga dos cientistas com a Igreja Católica. A decisão que o Supremo Tribunal Federal vai tomar na semana que vem, liberando ou não as pesquisas com células-tronco embrionárias, diz respeito a toda a sociedade. Por isso, é preciso que não haja desinformação. Há gente confundindo pesquisa com células-tronco embrionárias com aborto. [...] Recentemente, um padre me mandou um e-mail observando que a grande maioria dos religiosos não teve oportunidade de aprender ciências e biologia da mesma forma que a população em geral. Quando se aprovou a lei de biossegurança, em 2005, permitindo a

⁵ A pesquisadora Mayana Zatz escreve semanalmente para o site da revista *Veja* (www.veja.com.br/genetica).

⁶ (VEJA, 5 de Março de 2008).



pesquisa com células-tronco embrionárias, demos aulas para senadores e deputados. Muitos deles, que primeiramente haviam votado contra as pesquisas, porque não entendiam do assunto, votaram depois a favor. Aí se vê a diferença que faz a informação (VEJA, 5 de março de 2008).

Das idéias levantadas por Mayana Zatz, verificamos o uso recorrente do argumento de autoridade embasado não apenas no conhecimento que detém, mas na falta de informação do restante da população, inclusive parte do clero. A fala de Mayana transmite a idéia de que a obstância por parte da população e da Igreja se dá por falta de informação. Assim, aqueles que porventura são contra o desenvolvimento das pesquisas o são meramente por ignorância.

Subtende-se que os padres são contrários às pesquisas pelo fato de não terem tido o mesmo acesso aos estudos em ciências e biologia que o restante da população. Resta saber se a fala de Mayana atua também de modo a naturalizar e neutralizar posturas ideológicas da Igreja Católica, excluindo os argumentos utilizados pela instituição religiosa.

A passagem também apresenta o fato no qual os parlamentares mudaram os seus votos como consequência das aulas ministradas pelos cientistas. Ou seja, as aulas foram condição *sine qua non* para que os contrários mudassem de opinião. A fala de Mayana evidencia que a falta de informação sobre o assunto conduziu os parlamentares ao voto contra, e reforça “a diferença que faz a informação”, denotando a carga ideológica empregada ao termo. *Informação* é utilizada aqui como o que é produzido e fornecido pelas autoridades no assunto em pauta, descartando quaisquer posicionamentos de ordem ideológica, político-partidária, religiosa ou ética como sendo informação válida.

Não é nosso propósito afirmar que o discurso de *Veja*, neste caso, embora construído com base na autoridade de especialistas, esteja voltado à manutenção do discurso das autoridades governamentais. Bonfim (2002, p. 47), fundamentado em Thompson, afirma que “será ideológica toda forma simbólica que sirva para instaurar, manter ou sustentar uma assimetria de poder, seja ela de que natureza for. Mas, se uma forma simbólica for contrária à sustentação de uma assimetria, ela será um modo de resistência”.

Partindo desta idéia, vemos que a *Veja* diverge das autoridades governamentais e religiosas no que concerne ao prosseguimento das pesquisas com células-tronco embrionárias, usando, para tal, a voz de Mayana Zatz. Com isto, *Veja* atua como



resistência, mas, ainda assim, utiliza-se de discurso dominante (o de uma cientista versus o da “população em geral” – senso comum) para assegurar o seu ponto de vista. Na semana seguinte à publicação desta entrevista, o assunto sobre a pesquisa com células-tronco embrionárias é novamente pauta das páginas amarelas, em entrevista com Ellen Gracie Northfleet, que, à época, ocupava o cargo de presidente do Supremo Tribunal Federal. Diferentemente da entrevista com Mayana Zatz, que tratou apenas do tema células-tronco embrionárias, a entrevista com Ellen Gracie transita, além das pesquisas com embriões humanos, por assuntos relacionados ao Supremo Tribunal Federal, como denúncias de nepotismo, o escândalo do mensalão e a instituição da fidelidade partidária.

Torna-se manifesto o posicionamento de *Veja* a respeito da temática, e mais ainda, o desejo de tornar pública a discussão acerca da Lei de Biossegurança e sua votação.

Na mesma edição em que Mayana Zatz é entrevistada, o colunista André Petry escreve acerca da Lei de Biossegurança, e, seguindo a política editorial da revista, opina em favor de sua aprovação. Já na edição em que Northfleet presta entrevista às páginas amarelas – “Fé na Justiça” – o texto de J. R. Guzzo trata igualmente da temática, compartilhando da mesma opinião de Petry.

Em comparação à entrevista com Mayana Zatz, a fala de Ellen Gracie Northfleet acerca do assunto fica reduzida a apenas duas das 13 perguntas dirigidas a ela. Ainda assim, verificamos que a questão das pesquisas com células-tronco embrionárias e a Lei de Biossegurança estão destacadas tanto no subtítulo (“A presidente do STF fala sobre a modernização do Judiciário e explica por que, apesar de católica, endossa a pesquisa científica com embriões humanos”) quanto no texto de apresentação de Ellen Gracie, como podemos constatar adiante:

Na semana passada, outra causa polêmica entrou em pauta: aquela que vai decidir sobre a validade dos artigos da Lei de Biossegurança que autoriza a pesquisa científica com embriões humanos. O julgamento foi adiado, mas Ellen Gracie antecipou seu voto, rejeitando a ação de inconstitucionalidade. A ministra, de 60 anos, se define como pragmática. Nesta entrevista, mostra sua paixão pela “carpintaria administrativa” que permitirá à Justiça superar os seus gargalos e se modernizar (VEJA, 12 de março de 2008).

É interessante que tomemos as entrevistas da pesquisadora Mayana Zatz e da ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, Ellen Gracie Northfleet, como sendo



encadeadas. Primeiramente, na entrevista com Mayana, Veja busca suporte científico, e, em seguida, com Ellen Gracie, Veja busca suporte jurídico.

No subtítulo da entrevista, destaca-se o possível conflito entre a religiosidade de Northfleet e o seu posicionamento enquanto presidente do STF. A então presidente, “apesar de católica, endossa a pesquisa científica com embriões humanos”, o que nos remete à fala de Mayana Zatz – “é fundamental que as pessoas entendam que não existe uma briga dos cientistas com a Igreja Católica”.

Como está inserida no subgênero entrevista conceitual, a entrevista com Northfleet apresenta características dessa categoria⁷, como o fato de tornar acessíveis termos que perfazem uma linguagem específica, neste caso, jargões jurídicos:

Veja – *Na semana passada, a senhora considerou que a lei que autoriza o uso de embriões humanos na pesquisa científica é constitucional. Qual a justificativa desse voto?*

Ellen Gracie – Eu não enxerguei, nos artigos da Lei de Biossegurança que falam sobre embriões, nada que ferisse a ordem constitucional. Meu raciocínio parte do princípio de que nosso sistema jurídico protege duas entidades, o “nascituro” e a “pessoa”. Esses conceitos têm um significado muito preciso no direito. O nascituro, a criança que aguarda o nascimento no ventre da mãe, tem algumas expectativas de direito – no campo da herança, por exemplo. Já a pessoa, do ponto de vista do nosso ordenamento, só passa a existir no instante do nascimento com vida. É aí que surge a personalidade jurídica, segundo o nosso Código Civil (VEJA, 12 de março de 2008, grifos nossos).

Nesta passagem, há a intenção de tornar compreensíveis conceitos específicos do campo do direito, que, para a maior parte da população (ainda que letrada) são herméticos. Com esta finalidade, Ellen Gracie se utiliza de uma linguagem explicativa, didática até, para decodificar o que o direito concebe como sendo nascituro e pessoa.

Após a explicação dos conceitos legais, Ellen Gracie Northfleet analisa a Lei de Biossegurança e a interpreta procurando embasamento no próprio campo jurídico. A fala de Northfleet, por estar ancorada nos princípios do direito (discurso especializado e de autoridade), esconde o fato de esta ser apenas uma, das muitas interpretações possíveis da Lei de Biossegurança, inviabilizando a obtenção de um julgamento preciso e categórico, já que não se trata de uma ciência exata.

Ainda que retome a sua fala fazendo referência à jurisprudência, Ellen Gracie prossegue, não mais fundamentada no direito, mas de acordo com a sua interpretação:

⁷ Fonte especializada, que atua na emissão de conceitos e jornalista exercendo o papel de intermediador na sociedade.



“Quanto ao princípio constitucional do direito à vida, **eu creio** que ele não é ferido no caso das pesquisas com embriões que seriam descartados ou permaneceriam congelados indefinidamente” (VEJA, 12 de março de 2008, grifo nosso).

Com base no exposto acima, concluímos que essa é uma das muitas formas de legitimação do discurso especializado, servindo para manifestar sub-repticiamente posições ideológicas da empresa jornalística. Com base em Santos *apud* Benetti (1997, p. 169), podemos também afirmar que, nesse caso, a utilização das vozes especializadas serve para articulação de interesses comuns entre jornalistas e fontes.

Quando o Conceito dá espaço ao comportamento

Como visto anteriormente, a entrevista de *Veja* não tem por finalidade apenas a formulação de conceitos de modo a informar seus leitores. Ela atua por meio da elaboração de diversos processos discursivos. Para isto, a entrevista de *Veja* lança mão, em seus estágios de editoração, de recursos lingüístico-discursivos de maneira a produzir determinados significados e efeitos, que podem ter conexão com o que, em dado momento, recebe destaque de outros veículos midiáticos.

Por isso, não se pode dizer que a entrevista de *Veja* esteja completamente desarticulada dos eventos noticiados por outros veículos. Assim, *Veja* acaba por criar uma relação metalingüística. Verificamos que revistas não precisam, necessariamente, abordar os fatos, e sim desdobrá-los e/ou tratar de assuntos.

A revista *Veja* prioriza o subgênero entrevista conceitual em suas páginas amarelas, mas abre também espaço para outros subgêneros, como o perfil humanizado. De acordo com Medina, ao falar sobre o perfil humanizado,

A entrevista jornalística, em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas. Por uma distorção de poder nas sociedades, muitas vezes se atribui esse crédito apenas a fontes oficiais, vale dizer, fontes do Poder, seja ele político, econômico, científico ou cultural. Enfatiza-se, com isso, a unilateralidade da informação: só os poderosos falam através das entrevistas. Mas o que não se pode negar é que existe na entrevista a possibilidade de um diálogo democrático, o *plurólogo*. Isso não aconteceria em uma comunicação humana dinamicamente inserida em uma sociedade democrática? (MEDINA, 1990, p. 18).



O perfil humanizado, segundo Cremilda Medina (1990), é aquele que lança o olhar em busca da compreensão do entrevistado, bem como seus valores, comportamentos e história de vida. Ainda segundo Medina, o perfil humanizado não tem por finalidades a acentuação do grotesco, nem a condenação da pessoa, muito menos a sua glamorização.

A divisão em subgêneros adotada por Medina tem como base quatro classificações concebidas por Edgar Morin⁸. Dentro dessas categorias, Morin ainda as subdivide em *subgêneros da espetacularização* e *subgêneros da compreensão-aprofundamento*. É inegável que as subdivisões criadas por Morin possuam valor metodológico, mas, a nossa compreensão é que elas estariam mais para o juízo de valor e menos para a análise detalhada do gênero como um todo, sem o encarcerá-lo nas fôrmas das subdivisões.

Nossa visão é que, ao polarizar os subgêneros da entrevista nessas duas categorias, perde-se muito de seus aspectos discursivos. A visão de que *ou se espetaculariza ou se compreende*, torna essas duas possibilidades mutuamente excludentes.

Considerações finais

As análises realizadas neste trabalho tiveram por objetivo proporcionar uma leitura do jornalismo impresso, tendo em vista que as entrevistas da revista *Veja* fogem à classificação de entrevistas proposta por Cremilda Medina:

A autora classifica a entrevista jornalística e a divide em subgêneros – enquete, perfil e conceitual. Como pudemos demonstrar, das tipologias construídas pela autora, a entrevista de páginas amarelas contempla apenas o subgênero conceitual.

Contudo, o encerramento das entrevistas de páginas amarelas em apenas uma categoria se torna praticamente impossível, pois fatores outros, além dos propostos por Cremilda Medina, deveriam compor a categorização, tais como: o estabelecimento do modelo *delegação de saber*, proposto por Rebelo (2000), no qual o veículo faz uso de voz institucionalizada para assegurar a veracidade da informação que profere; A verificação de relações metalingüísticas e/ou intertextuais, o que possibilita uma leitura holística da informação apresentada pelo veículo.

⁸ Entrevista-rito, entrevista anedótica, entrevista-diálogo e neoconfissões (MEDINA, 1990, ps. 14-17).



Com isto, afirmamos que a entrevista não pode ser vista isoladamente dos fatos sociais noticiados pela mídia, uma vez que estes aspectos perpassam pelo interesse mercadológico, que deve ser também analisado.

Ao longo do nosso trabalho de análise, pudemos perceber que a informação elaborada pelos entrevistados não é o único elemento passível à mercantilização. Suas falas recebem tratamento de acordo com os efeitos desejados.

Se a entrevista é conceitual, a fala dos seus entrevistados deve tangenciar a norma culta da língua, anulando quaisquer presenças do discurso oral⁹, o que acarreta na descontextualização do momento em que o discurso foi proferido. Esta aproximação da norma culta acaba por distanciar o texto de seu registro de origem (oral), padronizando-o e retirando quaisquer possibilidades de detecção do lugar social do entrevistado.

Sendo a entrevista, em sua essência, uma técnica que privilegia a interação social, a revista *Veja* faz o caminho inverso, uma vez que a edição atua enquanto instrumento corretivo da fala, enfatizando o registro escrito em detrimento do registro oral.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BONFIM, João Bosco Bezerra. **A fome que não sai no jornal: o discurso da mídia sobre a fome**. Brasília: Plano Editora, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

REBELO, José. **O discurso do jornal: o como e o porquê**. Portugal: Editorial Notícias, 2000.

Relação das entrevistas analisadas

É PRECISO salvar vidas. VEJA, n. 2050, 05/03/2008, p. 11. São Paulo: Abril.

FÉ na justiça. VEJA, n. 2051, 12/03/2008, p. 11. São Paulo: Abril

UMA vitória da razão. VEJA, n. 2085, 05/11/2008, p. 17. São Paulo: Abril.

⁹ Repetições, paráfrases, hesitações, correções, descontinuidades temáticas ou verbais, etc.